

UMA IDEIA de COMUNIDADE Literária

POEMAS ESCRITOS, POEMAS DESENHADOS



Correio Poético 2013, por Teodora Boneva

BALADA DO RIO OCREZA

Sob o céu de água, e setembro Desce o Ocreza, apressado, A encosta que, em Dezembro, Se há-de vestir de noivado.

Entre fragas, dividido Volta atrás, passa adiante Inquieto, de si perdido, Sem margens a cada instante

Lôbrego, fero, imprudente Cavalga poços, quebradas, Ferido como serpente Em novas águas passadas.

Às ordens da natureza, Faz-se tempo, sombra, mágoa, Até deixar, com tristeza, De ser rio, só ser água.

Vergílio Alberto Ferreira



Correio Poético 2012, por Teodora Boneva

“Às ordens da natureza, Faz-se tempo, sombra, mágoa, Até deixar, com tristeza, De ser rio, só ser água.”

“A água que ouvimos passar — depois das casas contar agora de cima — cobre e revela as pedras do leito olhadas por quem esteve aqui antes.”

Margarida Ferrá

“escreveu-se poemas e leu-se poesia em barcos, comboios e jardins, em miradouros e pracetas.”

Seguiu-se o convite, o desafio a poetas que agora são amigos de Vila Velha de Ródão e da Biblioteca, os organismos vivos que simbolizam aqui todo o espaço das aldeias do concelho, toda a população. Vieram nestes dois últimos anos a Margarida Vale de Gato, o José “Mário” Silva, o Miguel Masto, o Carlos Alberto Machado e escreveu-se poemas e leu-se poesia em barcos, comboios e jardins, em miradouros e pracetas.

Jaime Rocha, Poesia, um dia, Companhia das Ilhas, 2014

OUTRO MEDO

Vimos também da varand' do cerro o raio que riscou a fronteira entre os que escolheram um novo nome e todos os outros mulheres e crianças primeiro testemunho do que foi sendo contado.

A água que ouvimos passar — depois das casas contar agora de cima — cobre e revela as pedras do leito olhadas por quem esteve aqui antes.

Apolados no ferro longe da linha estamos a salvo das imagens que nos despem e fazem de nós mães filhos tios deusas cuja morte tapam e nos mostram

juntando-nos deitados depois os pontos que faltam.

Temos o rio Te o, barcos, grifos, jardins, comboio. Temos aldeias de xisto, temos museus, lagares, poetas populares. Temos uma população maravilhosa e ávida de cultura. Temos uma biblioteca, uma associação cultural, um grupo de teatro, serras, montes, ribeiros. Temos pessoas que gostam de ler e de discutir literatura. Temos boa comida e muitos bolos tradicionais, queijos, enchidos, azeite. Temos sol. Porque não? E porque não uma residência de poetas na Foz do Cobreão?

Assim nasceu o Encontro de Poetas Poesia, um dia, muito pela vontade e persistência de Graça Batista, a directora da Biblioteca Municipal José Baptista Martins. E como o entusiasmo e aprovação da escritora Hélia Correia que, na altura, a convite da Biblioteca, participou num debate sobre o seu livro para crianças *A Chegada de Twinky*. Dessa estadia na Foz do Cobreão surgiu o poema que se publica nesta edição, dedicado à mãe do pintor Cargaleiro, nascida naquela aldeia.



Correio Poético 2014, por Elisa Aragão



Correio Poético 2013, por Elisa Aragão

O GATO E A VESPA

O gato foi à escola enquanto os poetas dormiam.

O gato foi ao leite e ao presunto enquanto a vespa azucrinhava por ali sob o olhar de um grifo que pairava.

Enquanto os poetas dormiam.

Vai-te embora, vespa, diz o gato, deixa estar a neve sossegada dentro da taça e não faças barulho, deixa os poetas dormir.

“Mas o gato insiste, cuidado ó vespa, ainda cais no leite, olha que os poetas escrevem palavras que dançam nas praias douradas, deixa-os dormir.”

Não é neve, diz o grifo, é uma nêspera, está sentada ao colo de uma velha, foi um poeta da cidade* que deixou escrito.

Ora, uma nêspera, exclama a vespa, é mas é um pêssego. Ai é, responde o gato, vamos ver.

Enquanto os poetas dormiam.

O grifo rondava a escola como um corvo em cima de um comboio e gostava de ouvir o gato a comer o presunto devagar, olhando para o leite. A vespa zumbia, zumbia como um tractor e ria-se. Olha que isto é uma escola, diz o gato, e a escola não é para vespas.

Enquanto os poetas dormiam.

Até que vem a aurora, coberta de chuva, acordar os poetas e os galos ao mesmo tempo.

Mas o gato insiste, cuidado ó vespa, ainda cais no leite, olha que os poetas escrevem palavras que dançam nas praias douradas, deixa-os dormir.

A vespa não quis saber. Pensava que tinha o mundo todo a seus pés, o ar, as nuvens, as pessoas, as colinas, o rio, as bibliotecas, os barcos. Mas era um pensamento falso, um engano. Caiu na taça de leite e morreu.

É o que acontece às vespas que chamam pêssegos às nêsperas.

Jaime Rocha

© Jaime Rocha 2014. Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução sem a autorização do autor.

ERA RUDA A LÍNGUA

Então cheguei e eram casas

Então cheguei e não vi rio, os margem. Casas havia

e em volta casas que eram a margem da luz depois do dia.

Que dias havia e dias depois. E luz, embora avara.

Era ruda a língua. Será sempre ruda a língua à chegada.

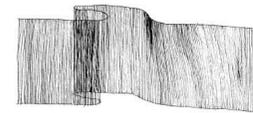
A beleza era, sóbolo rio que ia, difícil, dizia Ezra.

Era uma luz, pouca, na outra margem. Um salvamento no mar bravo. Uma longa guerra no mato.

Miguel Cardoso



Correio Poético 2012, por Elisa Aragão



Correio Poético 2012, por Teodora Boneva



Correio Poético 2014, por Elisa Aragão



Correio Poético 2014, por Rui Guerra

